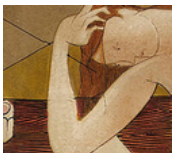

Nau Literária| crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

DOI: 10.22456/1981-4526.144879

Caetano Veloso e o Quinto Império: Um Intérprete em Busca da "Ilha Brasil"

Caetano Veloso and the Fifth Empire: An Interpreter in Search of the "Island of Brazil"

Dossiê: intérpretes do Brasil

Francisco Quinteiro Pires*

ORCID: 0009-0004-2722-6955

E-mail: franciscoqp@gmail.com

Recebido: 26/12/2024
Aprovado: 16/04/2025

Resumo:

Este artigo examina a influência do conceito do Quinto Império, formulado por pensadores portugueses como Fernando Pessoa e Agostinho da Silva, na produção musical e ensaística de Caetano Veloso. A partir da análise do livro *Verdade tropical* e do álbum *Meu coco*, investiga-se como Caetano projeta o Brasil como uma ilha utópica, caracterizada pelo descentramento e pela alteridade culturais, atributos que conferem ao país sul-americano um papel singular na construção de um futuro universalista. A canção "Você-Você", um dueto com a fadista Carminho em *Meu coco*, exemplifica essa visão ao reafirmar a centralidade da lusofonia no devir brasileiro do mundo. O estudo aprofunda, ainda, a presença do pensamento de Agostinho da Silva na obra de Caetano, destacando a sua proposta de um projeto civilizacional ecumênico em contraposição à hegemonia utilitarista e ao multiculturalismo anglo-saxônicos.

Palavras-chave:

Caetano Veloso, música, Agostinho da Silva, Quinto Império, sebastianismo

Abstract:

This article examines the influence of the concept of the Fifth Empire, as articulated by Portuguese authors such as Fernando Pessoa and Agostinho da Silva, on the musical and theoretical works of Caetano Veloso. By focusing on the book *Verdade tropical* and the album *Meu coco*, the study explores how Caetano envisions Brazil as a utopian island, defined by cultural decentralization and alterity—qualities that position the South American nation as capable of fostering a universalist future. The song "Você-Você," a duet with the fado singer Carminho in *Meu coco*, exemplifies the composer's interpretation, reaffirming the centrality of Lusophony in the Brazilian becoming of the world. The article investigates in more detail Agostinho da Silva's philosophical impact on Caetano's vision of Brazil as a space for implementing an ecumenical civilizational project that challenges the Anglo-Saxon utilitarian hegemony and multiculturalism.

Keywords:

Caetano Veloso, music, Agostinho da Silva, Fifth Empire, Sebastianism

*Francisco Quinteiro Pires é jornalista e doutor em estudos culturais e literários pela New York University. Atualmente, ensina no Departamento de Estudos Latino-Americanos e Latinos de Lehman College, City University of New York. Os seus artigos acadêmicos já foram publicados no Journal of Lusophone Studies, Luso-Brazilian Review, A Barca, Transmodernity e Brasiliana: Journal for Brazilian Studies.

CC BY

No prefácio da edição comemorativa de 20 anos de *Verdade tropical*, publicado em 2017, Caetano Veloso voltou ao problema da definição do gênero do seu livro. Caetano comentou que *Verdade tropical* é mais do que um livro de memórias de um cantor popular no Brasil e "deveria ser lido como um romance crivado de ensaísmo" (Veloso, 2017, p. 46)[1]. Ao rejeitar de saída o rótulo de "autobiografia", Caetano já havia escrito na primeira edição do seu livro, lançado em 1997, que *Verdade tropical* "é uma retomada da atividade propriamente crítico-teórica que iniciei concomitantemente à composição e à interpretação de canções que interrompi por causa da intensidade com que a introjetei na música" (Veloso, 1997, p. 18)[2]. O tema proeminente de *Verdade tropical* é a história da música popular brasileira, principalmente das ideias em torno do desenvolvimento da Tropicália nos anos 1960, entrelaçado a uma tentativa de Caetano de expor a sua formação intelectual e o seu ideário político. A indefinição do gênero do seu livro está no cerne da sua arte e pensamento. Em sua carreira, as composições ensaística e musical se contagiam, retroalimentando-se, de acordo com a capacidade intelectual e artística de "um ex-universitário provinciano que virou cantor popular e não desenvolveu nenhum método para arquivar e ordenar conhecimentos" (Veloso, 2017, p. 34).

Caetano usa o ensaísmo como meditação sobre a sua produção musical e a música como veículo para difundir o seu pensamento crítico-teórico[3]. Nessa dinâmica heterodoxa, ocupando um lugar à parte do meio universitário, Caetano afirma se ver diante do dilema de ser um cantor e compositor que pensa o Brasil e é criticado por se posicionar como um intérprete do próprio país seja em canções, seja em livros. A ousadia de colocar-se na posição de pensador teria alçado Caetano ao grupo dos criadores musicais que o crítico literário José Guilherme Merquior descreveu, em uma crítica acerba, como "subintelectuais de miolo mole", pertencentes a uma "geração de entertainers" que desejava usurpar o "lugar dos ensaístas estudiosos" (Veloso, 2017, p. 41). Sob uma ótica mais compassiva, o crítico literário Roberto Schwarz elogiou a publicação de *Verdade tropical* com a ressalva de que no livro "a lucidez cede o passo a superstições baratas, à mitificação despropositada do Brasil, à autoindulgência desmedida e ao confusionismo calculado" (2012, p. 57).

Essas críticas ao compositor popular que ensaia uma interpretação do Brasil evidenciam a forte tensão gerada pelas ideias de Caetano entre os membros da

[1] Neste artigo, opto por referir-me a Caetano Veloso pelo prenome, dado o reconhecimento afetivo e cultural que o artista possui no Brasil, onde seu nome próprio é amplamente utilizado. Uma das funções básicas do prenome é marcar o lugar único do indivíduo dentro de um grupo familiar ou social. "Caetanear" — o título de um de seus álbuns e um verbo usado por Djavan na canção "Sina" — evidencia o caráter particular de sua presença na música e na cultura brasileiras.

[2] Lançado neste ano, o livro Cine subaé é a publicação mais recente a reunir a atividade crítico-teórica de Caetano. Faz uma compilação de críticas cinematográficas, entrevistas e depoimentos de Caetano, escritas desde a década de 1960. Cine subaé evidencia a influência do cinema — em especial o Cinema Novo, o neorrealismo italiano e o existencialismo francês — sobre a sua carreira artística e formação cultural. Neste artigo, abordo a influência do sebastianismo do diretor cinemanovista Glauber Rocha sobre Caetano.

[3] Nesse sentido, o filósofo Pedro Duarte afirma que, em uma carreira de mais de 60 anos, "Caetano Veloso faz a canção pensar e o pensamento cantar" (2022, p. 171).

da intelligentsia nacional ao longo das últimas décadas. Esse tipo de avaliação negativa persiste com menor intensidade e ainda serve para relativizar o argumento mais recente de que, no Brasil, "a música popular se associou de tal forma ao pensamento social que os grandes cancionistas assumiram desde então a vigilância da história, como se suas intuições poéticas sobre o país fossem substratos da política de Estado" (Leal, 2021, p. 24). Embora a obra teórico-musical de Caetano tenha sido considerada secundária em tempos passados, ela se configura como um campo privilegiado para refletir sobre a complexidade do pensamento social brasileiro. Esse reconhecimento abre caminho para investigações mais profundas a respeito das suas interlocuções filosóficas, como a de Agostinho da Silva, ainda pouco exploradas.

Exemplos mais recentes têm desafiado esse preconceito contra o cancionista como o autor legítimo de uma atividade crítico-teórica, sobretudo a de intérprete do Brasil. Livros publicados nesta década, tais como *Objeto não identificado*, organizado pelo filósofo Pedro Duarte, e *Lançar mundos no mundo: Caetano Veloso e o Brasil*, do arquiteto Guilherme Wisnik, compartilham a perspectiva de que Caetano é uma figura central na construção de uma estética cosmopolita, capaz de propor novas formas de pensar o Brasil, desafiando a um só tempo fronteiras ideológicas e estilísticas. Duarte e Wisnik destacam como a obra de Caetano dialoga com tradições culturais diversas, promove uma constante reinvenção de subjetividades e discute questões como nacionalismo e globalização.

Embora elenque os filósofos como Heidegger, Deleuze e Sartre entre as fontes intelectuais de Caetano, Duarte ignora a importância do pensamento de Agostinho da Silva para a obra do cantor brasileiro (Duarte, 2022, p. 171). É James Martins, um dos ensaístas do livro organizado por Duarte, *Objeto não identificado*, quem alerta para a falta de estudos acadêmicos que abordam a influência do pensador português sobre a atividade crítica e estética de Caetano. Para Martins, o "sebastianismo pessoano via Agostinho da Silva merece um livro inteiro" (2022, p. 81-82). Embora Wisnik tenha citado Agostinho da Silva duas vezes em *Lançar mundos no mundo*, ele não investigou minuciosamente o impacto das teorias do filósofo português sobre o cantor brasileiro. Ele, no entanto, associou a genealogia das ideias de Agostinho da Silva à "insistência de Caetano na ideia de uma vocação de grandeza e originalidade do Brasil — o desejo e a ambição de uma perspectiva de alcance mundial a partir da experiência do Atlântico Sul" (Wisnik, 2022, p. 172). Este artigo explora mais detalhadamente a importância da noção do Quinto Império e das teses do "pensador heterodoxo" Agostinho da Silva nas obras musical e crítico-teórica de Caetano (Veloso, 1997, p. 338).

Apesar do rechaço histórico a essa atividade de pensar a cultura brasileira por meio da arte da canção, a atuação do músico como um intérprete do Brasil voltou à tona em seu último álbum, *Meu coco*, lançado em 2021 com um repertório de letras e músicas todas

compostas por Caetano.[4] Nesse disco, sobretudo em composições como "Meu coco", "Não vou deixar" e "Sem samba não dá", ele reafirma temas caros ao seu projeto crítico-teórico, como a originalidade da formação cultural do Brasil, dada pela conexão com um universo lusófono e revelada como "uma proposta de convivência de sociedades experimentais e diferentes entre si" (Veloso, 2017, p. 32). A conexão com Portugal torna-se evidente no convite à fadista portuguesa Carminho para participar do disco com a interpretação de "Você-Você".

Somente uma das canções de *Meu coco* é um dueto, de Caetano com Carminho. Com o título de "Você-Você" e a conexão dos pronomes por um hífen, essa composição enfatiza um elo persistente com Portugal, dada a decisão de Caetano de cantá-la com sotaque de português europeu.[5] O título "Você-Você" tem uma dinâmica de acumulação palimpséstica. Essa canção opera como um reflexo especular entre Brasil e Portugal, algo que o design gráfico da capa de *Meu coco* confirma ao mostrar um retrato de Caetano a refletir-se *ad infinitum*, alternadamente de costas e de frente. Esse efeito de *mise en abyme* na capa do disco representa um diálogo transatlântico contínuo e uma autorreflexão sobre o papel da arte e da memória na construção de uma civilização no Atlântico Sul aberta às trocas culturais.

A imagem simboliza o reencontro com a trajetória artística e intelectual de Caetano, ressaltando a centralidade do "coco" — a cabeça, o pensamento — como fonte de criação e reflexão. A disposição reflexiva da capa ecoa a multiplicidade de vozes e referências que permeiam o álbum, reforçando a ideia de um fluxo e intercâmbio que geram transformação. Já o hífen, um sinal gráfico cuja função pode ser a de ligar ou separar palavras, exerceria a função de traço de união no caso de "Você-Você". Ao mesmo tempo em que salienta a centralidade das culturas dos povos africanos e dos originários, Caetano indica que não dá para entender as particularidades da formação cultural e do devir universalista do Brasil sem conectar o país sul-americano à experiência lusófona. Na introdução de *Verdade tropical*, ele descreveu o Brasil como um vasto território, localizado no centro do Atlântico Sul, semelhante a uma "ilha" e isolado do que o cerca por ser a sua a língua portuguesa (Veloso, 1997, p. 13).

A "ilha Brasil"

Antes de Caetano falar sobre esse conceito geográfico em Verdade tropical, Agostinho da Silva apresentou a ideia da "ilha Brasil" — um território de dimensões semelhantes às de um oceano — quando tratou do Quinto Império (Silva, 2000, p. 251). Em Verdade tropical, Caetano invoca o termo "ilha" para explicar o Brasil como um resultado da colonização portuguesa e o "Outro" dos Estados Unidos (Veloso, 1997, p.

[4] O outro disco em que todas as letras e músicas são de autoria de Caetano é Cê, lançado em 2007.

[5] Ele também interpreta com sotaque português europeu "Por que?", uma das canções de sua autoria para o álbum Cê.

14). O Brasil, como espelhamento do outro gigante territorial ao Norte do continente americano, é assim o "duplo, a sombra, o negativo da grande aventura do Novo Mundo" (Veloso, 1997, p. 14). "Construída por colonizadores vindos de um país que ficou fora do chamado mundo rico", escreve o compositor, "a vida brasileira, culturalmente sincrética, fica à margem da margem" (Veloso, 2017, p. 33). Caetano conta ter crescido escutando a história fundacional de que "o Brasil apareceu como um continente independente ou uma ilha descomunal no meio do Atlântico Sul" (Veloso, 1997, p. 13). A ideia da "ilha Brasil", conforme explorada por Caetano, está intimamente ligada à colonização portuguesa, que teria posicionado o Brasil como uma exceção dentro do contexto das Américas Latina e Anglo-Saxônica. Enquanto a maioria desses países americanos compartilha uma herança colonial espanhola ou inglesa, o Brasil, sob o domínio português, desenvolveu uma formação cultural distinta, a de "monstro católico tropical" (Veloso, 1997, p. 251), marcada por uma relação peculiar com a língua, a religião e as práticas socioculturais de seus colonizadores e colonizados.

Esse entendimento do Brasil como uma "ilha", o lugar utópico de um projeto universalista é uma resposta à hegemonia da cultural dos Estados Unidos, criticada por Caetano já na primeira edição de *Verdade tropical*, em conferências e em diferentes entrevistas ao longo da sua carreira (Veloso 2003; Roda Viva, 2021). Inspirado pela oposição tanto de Claude Lévi-Strauss quanto de Antonio Cicero ao que chama de "insalubridade do sonho de uniformização", Caetano afirmou ser o Brasil uma alternativa ao "multiculturalismo saxônico" (Veloso, 2017, p. 32). Em resposta à crítica feita por Schwarz de que *Verdade tropical simpatizaria com a cultura de massa estadunidense*, Caetano se defendeu dizendo que jamais se identificaria com uma globalização liderada pelos Estados Unidos. Ele afirmou que nunca "ia apoiar a ideia de um governo mundial, supranacional, nascido do domínio anglo-americano! O mito do Brasil original e instaurador do Reino do Espírito Santo era a imagem que representava o meu desacordo com a uniformização do mundo a partir do modelo do Atlântico Norte" (Veloso, 2017, p. 32). Caetano se insurge contra a promessa norte-americana de multiculturalismo ao apresentar uma perspectiva que se centraria, segundo Leal, "no esboço de uma nacionalidade avessa a nostalgias e purismos identitários, autoconsciente de suas contradições e frustrações" (2021, p. 24). E contrapõe a essa promessa multicultural o "Reino do Espírito Santo", um tema amplamente estudado por Agostinho da Silva, que o considerava um sinônimo de Quinto Império (Silva, 2000, p. 257).

Em *Verdade tropical*, sobretudo no prefácio da edição comemorativa que também escreveu em Nova York, e na canção "Você-Você", Caetano sinaliza a ideia do Brasil como um contribuidor espiritual e cultural para um mundo mais aberto, liminar, sincrético e universal, uma visão ambiciosa cuja origem se encontra, segundo o argumento deste

artigo, na noção de Portugal como Quinto Império[6]. Caetano cita Fernando Pessoa, que explorou o tema do Quinto Império no livro de poemas *Mensagem*, para dizer que "se antes eu cobrava do Brasil ser um Ocidente ao ocidente do Ocidente, hoje prefiro voltar a sentir a nossa realidade como extraocidental" (Veloso, 2017, p. 33). Embora Caetano se afirme contrário ao que define como "humilhação colonialista/imperialista", uma luta que nunca o teria abandonado, ele declara observar o Brasil há décadas como uma história de oportunidades perdidas. Ainda assim, para o cantor, o Brasil não fracassou irremediavelmente. O país possuiria a capacidade de concretizar um projeto universalizante de trocas culturais e de abertura à alteridade.

Para entender como a relevância da ideia do Quinto Império, criada e recriada por Luís de Camões, Padre Antônio Vieira e Fernando Pessoa, a chave está na exploração de um intelectual português citado por Caetano nas duas edições de *Verdade tropical*: Agostinho da Silva.[7] Antes de comentar a complexa presença do Quinto Império via o pensamento de Agostinho Silva no ensaísmo e na música de Caetano, este artigo vai abordar a letra de "Você-Você" e conectá-la à perspectiva defendida pelo compositor de que o Brasil se tornou original por possuir uma vocação ecumênica a um só tempo cultural e espiritual. "Você-Você" pode ser interpretada como um reflexo da tentativa de Caetano de vivenciar em sua obra não "a perspectiva do 'século americano' e sim de uma sua possível superação" (Veloso, 1997, p. 500). Caetano continua a insistir na convicção, legada por Agostinho da Silva, de que as promessas do Brasil ainda dependem da ressignificação de uma herança que é também portuguesa — embora afirme ser esta formação cultural historicamente menosprezada — para superar a "fase nórdico-protestante da civilização" (Veloso, 1997, p. 93).

"Tu és você" e a propensão à alteridade

A análise da canção "Você-Você", composta por Caetano e gravada com a participação da fadista Carminho, revela uma obra estruturada por nuances emocionais e culturais. A canção é um fado e o único dueto de *Meu coco*, o que torna significativo o convite a Carminho. Ela apresenta uma mescla de ritmos e elementos poéticos que remetem tanto ao fado quanto à tradição percussiva da música popular brasileira. Sob o dedilhado de uma guitarra portuguesa, o instrumento mais proeminente dos arranjos, os

[6] Caetano acredita ter escrito *Verdade tropical* "por causa de Nova Iorque", cujo cosmopolitismo representaria a "realidade fatalmente mestiça" dos Estados Unidos (Veloso, 1997, p. 504). Ao receber o convite de um editor nova-iorquino, que lhe sugeriu a ideia de um livro quando ele estava em Manhattan —cujo nome tem origem indígena —, Caetano contou ser "complexamente estimulante, para quem se sabe enquanto ocidental, profundamente sul-europeu católico, sentir-se à vontade na capital saxã do Império Mundial" (Veloso, 1997, p. 504).

[7] Ao abordar a influência do mito sebastianista sobre o Caetano, o jornalista Claudio Leal mencionou de passagem o Quinto Império segundo a interpretação de Padre Antônio Vieira (2021, p. 24). O meu estudo comenta como a ideia do Quinto Império é filtrada desde Os Lusíadas, de Luís de Camões, até a experiência do exílio de Agostinho da Silva no Brasil durante a ditadura salazarista para depois ressurgir em Verdade tropical e "Você-Você".

primeiros versos da letra de "Você-Você" apresentam-se como um desafio às regras gramaticais, conjugando o sujeito você com o pronome tu: "Você, você é teu nome, / És quem ressurge e quem some/ Do outro lado do oceano" (Veloso, 2022, p. 31). A letra explora a tensão transatlântica entre proximidade e distância, tanto física quanto emocional, quando se inicia com a afirmação de uma perda: "Depois que nós nos perdemos, / amor, amor, nossos demos, / afastam-nos ano a ano" (Veloso, 2022, p. 31). Existe um diálogo constante entre os pronomes "você" e "eu", o que sugere uma reflexão sobre o afastamento como uma perda nociva, sobretudo demoníaca, e sobre a alteridade como um processo de descentramento intrínseco à cultura brasileira. A palavra "demos" pode ser uma referência à origem etimológica de demônio ou diabo. Ambos significam o ato de separar ou desunir, um sentido que se conecta à perda e distanciamento constantes da letra de "Você-Você". No texto "Considerando o Quinto Império", Agostinho da Silva citou a etimologia de diabo como "aquele que separa, aquele que se coloca entre alguém e seus atos" (2000, p. 257). Tanto demônio quanto diabo são palavras que vêm do grego clássico e compartilham o significado de ser aquele ou aquilo que divide. Com a disseminação do cristianismo, essas palavras foram reinterpretadas em um contexto teológico e adquiriram uma conotação que se tornaria preponderantemente negativa.

A complexidade do uso pronominal e o jogo entre os sujeitos "eu", "tu", "você" e "ela" ao longo da letra desse fado cria uma sensação de transformação em fluxo. A tensão entre proximidade e afastamento se materializa nas vozes de Caetano e Carminho[8]. A interpretação vocal é intimista, com uma suavidade que reflete o caráter meditativo da letra. O dueto com Carminho proporciona uma interação entre as vozes masculina e feminina, criando um diálogo que reflete a temática da canção, o significado das palavras e a relação entre os sujeitos em três seções vocais que se sucedem. Caetano canta a primeira parte da canção e Carminho, a segunda. As vozes encontram-se no dueto da última parte, em que concretizam uma fusão entre os diferentes sujeitos citados na composição: "Tu és você, sou você/ Eu e tu, você e ela" (Veloso, 2022, p. 31). Outro encontro se concretiza na terceira e última parte: os instrumentos de corda e de percussão. "Você-Você" é uma canção que transita entre o local e o global, entre o íntimo e o distante. O uso de "você" e "tu" na letra sugere não apenas a multiplicidade de facetas de uma mesma pessoa, mas a relação transformadora entre o mesmo e o outro em um jogo constante de proximidade e distanciamento impulsionado por uma força centrífuga e o emprego do melisma.

[8] No vídeo oficial de "Você-Você", disponível no YouTube, é registrado o encontro entre Caetano Veloso e Carminho em estúdio, uma colaboração realizada durante a pandemia de COVID-19 (Veloso e Carminho, 2021). O contexto do isolamento e da circulação, temas abordados na composição, adquire uma ressonância distinta nesse período marcado pelas restrições à mobilidade e ao convívio social. No vídeo, Caetano aparece usando máscara cirúrgica, uma evidência das precauções impostas pela pandemia durante a gravação.

O melisma, técnica vocal que consiste em cantar múltiplas notas em uma única sílaba, pode afetar a expressividade do fado. Ele reforça a intensidade emocional característica do gênero, além de ornamentar a melodia e destacar palavras-chave da letra, prolongando sílabas para enfatizar seu significado. O melisma também contribui para a fluidez melódica, permitindo transições suaves entre as notas. Fadistas como Amália Rodrigues e Mariza adotaram essa técnica. Além do fado, Wisnik afirma que Caetano usa o "cantar nordestino" como fonte dessa "destreza vocal" que faz "vibrar notas cromáticas em meios tons, ou microtons, em cantos hipnóticos, que remontam às culturas árabes e hindu" (2022, p. 36). Caetano se vale do melisma na interpretação de "Odara", "Estate", "Meu bem, meu mal" e "Estranha forma de vida", fado consagrada na voz de Amália Rodrigues (Wisnik, 2022, p. 36). Ele se vale dessa técnica vocal em "Meu coco".

A canção reflete sobre a perda, o afastamento e a tentativa de reconexão em outra dimensão, a espacial. A palavra "amor" aparece logo no início da letra, mas o diálogo entre "você" e "eu" revela-se marcado pela distância tanto geográfica, traduzida como "do outro lado do oceano", quanto cultural, encapsulada pela frase "Eu cá nesta Americáfrica" (Veloso, 2022, p. 31). "Americáfrica" é um neologismo que funde a última letra de América e a primeira de África, abolindo-se o uso do hífen[9]. A referência à "Americáfrica" indica um espaço transatlântico de trocas culturais, um tema recorrente na obra de Caetano. Ao mesmo tempo, representa uma confissão sobre um lugar de indeterminações, chamado "Americáfrica", de onde o sujeito diz: "Eu cá nesta Americáfrica. / Vivo entre miséria e mágica. / Não sei dizer o que valho" (Veloso, 2022, p. 31). Essa ambiguidade entre conexão e deslocamento revela uma reflexão crítica sobre a noção de pertencimento e o impacto do colonialismo na formação cultural e subjetiva dos brasileiros.

A letra de "Você-Você" cita, em uma listagem genealógica, nomes fundamentais da música brasileira, como Ary Barroso, Noel Rosa, Tom Jobim e Chico Buarque, juntamente com Amália Rodrigues (a maior fadista portuguesa), e gêneros e instrumentos afrodiaspóricos, como blues, tango, rumba e atabaque. Essas referências simbolizam o cruzamento de ritmos e melodias que Caetano frequentemente explora em sua arte. Expressões como "Você não em chamas" e "Tambor sob as camas" sinalizam uma atmosfera material e sensual (Veloso, 2022, p. 31). Sugerem a transformação provocada pelo fogo, evocando a transitoriedade, descentramento e constante metamorfose dessas trocas culturais. O verso "O orvalho vem caindo", descrito como "lindo", é uma citação dos compositores Noel Rosa e Kid Pepé, autores de uma canção homônima (Veloso, 2022, p. 31). Em "Você-Você", a constante renovação sugerida pela metamorfose dessas trocas

[9] O neologismo "Americáfrica" aproxima-se do conceito de "Améfrica Ladina", criado pelo psicanalista brasileiro MD Magno. Caetano cita Magno quando fala de Jacques Lacan, homossexualidade e religião em *Verdade tropical* (2017, p. 17, 34 e 39). "Améfrica Ladina" foi difundida pela antropóloga feminista Lélia Gonzalez com o objetivo de destacar os intercâmbios culturais, históricos e linguísticos entre a América Latina, sobretudo Brasil, e a África.

culturais. O verso "O orvalho vem caindo", descrito como "lindo", é uma citação dos compositores Noel Rosa e Kid Pepé, autores de uma canção homônima (Veloso, 2022, p. 31). Em "Você-Você", a constante renovação sugerida pela metamorfose cíclica do orvalho, líquido que se condensa pela manhã, é sucedida pela ideia de criar "um novo mundo louco" (Veloso, 2022, p. 31). A tarefa de criação exige "grande arte", assim como um contato intersubjetivo entre o mesmo e outro, descrito pelo uso do verbo "conjugar-se" e pelo dueto de vozes masculina e feminina (Veloso, 2022, p. 31).

A canção "Você-Você" é construída em uma base harmônica que mistura acordes suaves e cadências complexas, características do fado. A melodia é fluida, acompanhando a introspecção da letra e o canto melismático. Embora a canção apresente uma estrutura rígida de versos e refrões, essa fluidez proporciona uma insuspeita sensação de liberdade e improvisação. O ritmo da música, influenciado por diversas tradições mencionadas na letra, apresenta elementos do samba e outros ritmos afro-brasileiros com a inclusão de palmas e instrumentos de percussão (o "atabaque" é uma explícita referência à percussão africana). "Você-Você" evoca uma busca profunda por reconexão e intercâmbio cultural, o que ocorre na última parte da canção, na qual se encontram as vozes masculina e feminina, os instrumentos de corda e percussão. Na composição, Caetano constrói uma paisagem sonora que traduz a complexidade das relações históricas entre Brasil, África e Portugal, enquanto reflete sobre uma formação cultural ainda em fluxo. A canção sugere um futuro universalizante, alicerçado na reinterpretação e ressignificação de uma ideia central que permeia o pensamento musical e ensaístico de Caetano: o conceito do Quinto Império.

De certa maneira, essa composição ressoa a teoria pessoana de Caetano sobre as gravações de samba por Orlando Silva nos anos 1930 como "o mistério do som de nevoeiro da língua portuguesa sobre a paisagem rítmica afro-ameríndia" (Veloso, 1997, p. 266). O conceito de "nevoeiro" se torna significativo quando simultaneamente ligado ao canto de Orlando Silva, "um inventor de tradições" e de modernidade (uma inspiração para a bossa nova), e à visão histórico-poética de Fernando Pessoa sobre a língua portuguesa (Veloso, 1997, p. 266). Na obra *Mensagem*, de Pessoa, o termo nevoeiro simboliza a incerteza, o mistério e a espera que permeiam o destino de Portugal. Esse elemento meteorológico, uma metáfora da falta de clareza, aparece no poema que encerra o livro de Pessoa, a indicar uma fase de suspensão e transição histórica, na qual o país ibérico estaria perdido em sua identidade e propósito. O nevoeiro reflete a dúvida sobre o futuro, mas também a esperança de um renascimento ligado ao mito sebastianista e ao ideal universalista do Quinto Império. No contexto do poema, o nevoeiro evoca o desaparecimento de D. Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir, a anexação do reino português pelo espanhol e a crença de que o rei desaparecido retornará para liderar Portugal em uma nova era gloriosa.

A névoa representa essa espera de natureza messiânica, um estado de suspensão místico entre a perda do passado e a expectativa por uma transformação futura. "É a Hora!", o último verso de *Mensagem*, sugere que, em meio à incerteza e à obscuridade, existe uma promessa de um momento decisivo para a concretização do destino português (Pessoa, 2014, p. 116). Assim, o nevoeiro em *Mensagem* não é apenas uma metáfora da incerteza histórica e da falta de clareza, mas também um símbolo de transformação e espera pelo desvelar de algo maior, uma renovação que, embora oculta no presente, carrega a promessa de redenção e iluminação universalizantes. Para Caetano, o Brasil encarnaria essa função pessoana de promessa universalizante em contraponto ao tecnicismo e ao pragmatismo anglo-saxônicos. Para ele, o cantor Orlando Silva, com a "sua compreensão de modernidade" a partir da música brasileira, "instaura uma liberdade inventiva que transcende todas as questões de dependência cultural" (Veloso, 1997, p. 267).

Nesse sentido, a inclusão de Carminho no álbum *Meu coco* dialoga com as ideias apresentadas em *Verdade tropical*. A presença da fadista não apenas marca a herança lusófona de Caetano, mas também funciona como um gesto de reafirmação de sua crença na singularidade cultural do Brasil, a qual ele vê como sendo o resultado de uma conexão profunda com Portugal. Ao estabelecer uma ligação entre a canção "Você-Você", a obra crítico-teórica de Caetano e os pensamentos de autores como Fernando Pessoa e Agostinho da Silva, evidencia-se a maneira como Caetano projeta o Brasil como um espaço cultural único.

Em *O sol da liberdade*, Luiz Carlos Maciel reflete sobre essa perspectiva ao afirmar que, enquanto o sebastianismo interpretado por Pessoa "envolvia uma ligação profunda com a História, a aura e o destino de Portugal; o de Caetano vislumbra um Brasil superior que, diz ele, 'a História nos sugere que sejamos'" (Leal, 2021, p. 25). Esse paralelo enfatiza como Caetano reinterpreta o sebastianismo dentro de um contexto brasileiro, vinculando o potencial histórico e cultural do país sul-americano à construção de uma civilização universalizante impulsionada pela força centrífuga da alteridade cultural. O seu ponto de vista se guia pela ideia de que o Brasil, em sua singularidade histórica, oferece um caminho alternativo ao multiculturalismo oferecido pelos Estados Unidos enquanto reafirma a sua propensão à alteridade cultural e ao descentramento subjetivo. Wisnik definiu essa característica singular como uma "porosidade cultural que faz com que certas práticas culturais, ideias e formas de comportar possam permanecer em aberto, como que se construindo permanentemente, em vez de se verem rotuladas como coisas já definidas" (2022, p. 131).

O Quinto Império e a "visão armilar"

Em *Uma visão armilar do mundo*, o filósofo Paulo Borges discute como o Quinto Império ocupa uma posição central no pensamento de cinco portugueses: Luís de Camões, Padre Antônio Vieira, Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa e Agostinho da Silva. Em diferentes momentos da história de Portugal, esses autores convergiram para a concepção de que teria "Portugal, na sua dimensão simultaneamente real e simbólica, uma vocação para a universalidade" (Borges, 2010, p. 9). Portugal desempenharia um papel universalista, destinado a cumprir uma missão espiritual que excederia a materialidade dos impérios temporais.

O Quinto Império visaria a guiar a humanidade rumo a um novo ciclo de plenitude e harmonia, um resultado do seu impulso "para uma aventura e convivência planetárias" (Borges, 2010, p. 9). A ideia da "visão armilar", proposta por Borges como um fio condutor a unir a obra dos cinco autores portugueses, ilustra essa aspiração na esfera dourada da bandeira portuguesa. Como frisa Borges, "antes de se tornar o emblema de D. Manuel I, conectada com o domínio imperial e territorial do mundo", a esfera armilar forneceria desde Camões uma fecundidade simbólica que enfatiza um impulso a favor de "todas as formas de alteridade" (2010, p. 11). A esfera armilar, a representação da esfera celeste com seus meridianos e paralelos, simbolizaria, portanto, o intercâmbio entre culturas impulsionado pela ideia descentralizadora de uma universalidade ainda por se concretizar.

Em *Os lusíadas*, Camões aludiu à esfera armilar ao narrar as experiências dos navegadores portugueses e a revelação de uma visão divina por Tétis a Vasco da Gama, o líder da frota náutica que realizou, pela primeira vez, a travessia por mar entre Portugal e Índia (Borges, 2010, p. 11). A Ilha dos Amores, uma ilha ficcional em Os lusíadas, é interpretada como uma alegoria dessa "visão armilar", onde o globo terrestre representaria, "no entrecruzamento de suas múltiplas armilas, o símbolo da interconexão dinâmica de todos os seres e coisas, de todas as tradições e culturas, de todas as artes e saberes" (BORGES, 2010, p. 11). Para Camões, ao posicionar-se como o pioneiro de uma expansão marítima e colonialista de ordem global, Portugal não apenas cruzaria territórios físicos então por ele desconhecidos, mas também disseminaria valores éticos e espirituais, assumindo uma função a um só tempo messiânica e moral.

No século XVII, Padre Antônio Vieira aprofundou essa concepção ao formular a ideia do Quinto Império como uma era de renovação espiritual e moral sob a liderança do reino português. Em seus sermões, Vieira argumentou que Portugal seria a nação eleita para instaurar um império distinto dos anteriores — o babilônico, o persa, o grego e o romano — por ela estar fundamentado na justiça divina. Para Vieira, o Quinto Império possuía tanto um caráter utópico quanto uma missão profética, que se concretizariam com a chegada de um rei justo e iluminado, uma reelaboração do sebastianismo, um mito que permeou a obra cinematográfica de Glauber Rocha, como Caetano frisa em *Verdade*

tropical (Veloso, 1997 p. 340). Rocha tornou-se uma figura central na inspiração da Tropicália ao incorporar, em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, o mito sebastianista, reavivado na segunda metade do século XIX pelo líder religioso Antônio Conselheiro em Canudos, na Bahia.

O sebastianismo advém da convicção no retorno de D. Sebastião (1554-1578), rei de Portugal. D. Sebastião morreu na Batalha de Alcácer-Quibir quando avançou contra as forças muçulmanas. Mais precisamente, ele desapareceu sem que os soldados portugueses pudessem recuperar o seu corpo. O seu desaparecimento desencadeou uma crise sucessória no trono português e a anexação de Portugal pela Espanha para criação da União Ibérica entre 1580 e 1640. Essa ruptura gerou a crença de que ele retornaria para libertar Portugal de seus opressores e conduzir a nação a novas conquistas. A crença sebastianista surgiu da fusão entre tradições messiânicas, exemplificadas nas *Trovas* de Gonçalo Anes Bandarra, poeta e sapateiro de Trancoso, considerado o profeta do sebastianismo em Portugal, e a visão milenarista de Joaquim de Fiore, monge calabrês do século XII. (Freixo 2009, p. 139). As ideias de Fiore serão brevemente discutidas nas seções deste artigo dedicadas ao exílio de Agostinho da Silva no Brasil e ao conceito do Reino do Espírito Santo.

No início do século XX, Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa retomaram a noção do Quinto Império com um enfoque mais místico e cultural. Pascoaes, por meio de sua filosofia da "saudade", concebe o Quinto Império como a realização de uma síntese espiritual e cultural, "o centro do descentramento" da Europa, unindo os valores da tradição portuguesa a uma dimensão transcendente e a uma realidade mundana (Borges, 2010, p. 60). Pessoa, em escritos esotéricos e poéticos, sobretudo em *Mensagem*, explorou a dimensão profética desse império. Ele interpretou Portugal como o berço de um novo ciclo civilizacional, onde o material e o espiritual se conciliariam em uma visão armilar marcada pela aspiração à totalidade. Pessoa articulou em *Mensagem* um projeto "que aspira a emancipar-se do etnocentrismo obsessivo e a abrir-se à alteridade e multiplicidade dos modelos culturais planetários, coligando o Oriente e o Ocidente, o Norte e o Sul, na emergência de uma nova constelação civilizacional" (Borges, 2013, p. 17).

Estudioso da obra pessoana, Agostinho da Silva articulou o Quinto Império sob uma perspectiva pragmática e filosófica. Para ele, Portugal seria a inspiração de uma nova etapa da humanidade, caracterizada por um desenvolvimento cultural e espiritual baseado na colaboração, no intercâmbio entre culturas, na abolição de toda forma de propriedade e na liberação das amarras mecanicistas do trabalho. Segundo a sua perspectiva, o Quinto Império se alinha à ideia de uma comunidade lusófona centrada no Brasil, a qual transcenderia as fronteiras geográficas e cujo objetivo seria a construção de uma civilização mais ética e holística. Em oposição às distinções culturais criadas pelo

processo de colonização, Agostinho frisou que o desígnio último da existência seria "não existir distinção alguma entre o eu e o outro" (Borges, 2010, p. 171).

Assim, a "visão armilar" de Portugal associa esses cinco autores portugueses a uma trajetória comum em direção a um ideal universalista, "sob o signo de uma globalização ético-espiritual, em tudo contrastante com aquela, de teor económico-psicológico" (Borges, 2010, p. 11). Para Borges, inspirado pelo pensamento de Agostinho da Silva e pela poesia de Pessoa, a esfera armilar é um "símbolo holístico", oposto a uma "era celebrada como multicultural, ... ainda tão falha de uma visão real de interdependência ou do *entre-ser* universal de todos os seres, povos, nações, saberes e culturas" (Borges, 2010, p. 13). Em *Verdade tropical* e em canções como "Você-Você", Caetano percebe esse multiculturalismo que enfatiza *a priori* as diferenças de grupos sociais como uma traição ao descentramento subjetivo e alteridade cultural, elementos capazes de implementar o projeto universalizante do Quinto Império. Caetano contradiz a noção de que ele "apresenta uma tensão entre um projeto civilizatório informalmente cordial e a necessidade das leis formais na sociedade, entre a miscigenação sincrética e a convivência multicultural" (Duarte, 2023, p. 31). Uma leitura mais detida das declarações de Caetano em *Verdade tropical*, de outros textos e das ideias propagadas em sua obra musical mostra a crítica inequívoca e constante do compositor à noção multiculturalista liderada pelos Estados Unidos. Para Caetano, o multiculturalismo praticado nos EUA estaria mais para uma forma de separação multicultural que de "convivência".

O exílio no Brasil

Agostinho da Silva viveu no Brasil entre 1944 e 1969. Veio em um exílio autoimposto após ser censurado e preso pela ditadura salazarista. No Brasil ele encontrou um terreno que considerou fértil para retomar as suas ideias sobre a realização do Quinto Império. A experiência como exilado fez o filósofo português acreditar que a profecia do Quinto Império se concretizaria a partir do Hemisfério Sul. Inspirado pela obra de Fernando Pessoa, ele enxergava o Brasil como uma terra de síntese civilizacional, capaz de integrar culturas e espiritualidades em um projeto transcendente de humanidade. Caetano incorporou essa teoria em *Verdade tropical* e na sua obra musical — sendo "Você-Você" uma evidência mais recente. Nesses trabalhos, ele absorveu a visão filosófica de Agostinho da Silva para entender a potência transformadora do Brasil no cenário global em oposição ao utilitarismo dos Estados Unidos, criticados por ele e pelo filósofo português.

O pesquisador Rafael Julião observou que Agostinho da Silva previra nos anos 1960 que a tradicional divisão do mundo entre Ocidente e Oriente daria lugar a uma nova icotomia entre Norte e Sul (2017, p. 278)[10]. Essa mudança seria resultando de uma presumida

[10] Rafael Julião usa um artigo escrito por Pedro Agostinho sobre Agostinho da Silva e a política externa do governo Jânio Quadros como a fonte principal para a maioria das ideias discutidas sobre o filósofo português e o sebastianismo no capítulo 7 do seu livro *Infinitamente pessoal: Caetano veloso e sua verdade tropical*.

aproximação entre os países do hemisfério norte, caracterizados por seus interesses comuns, maior riqueza, industrialização e, de certo modo, uma suposta identidade racial (Julião, 2017, p. 278). Agostinho da Silva influenciou a política externa do governo Jânio Quadros (1961) ao defender uma aproximação do Brasil com os países africanos de língua portuguesa, alinhando-se a uma visão de autonomia e diversificação das relações diplomáticas. Sua perspectiva contribuiu para a formulação da chamada "política externa independente", cujo objetivo foi reduzir a dependência do Brasil em relação às potências geopolíticas daquele período, como os Estados Unidos e a União Soviética (Agostinho, 1995, p. 22). A reflexão de Agostinho da Silva antecipou, em certa medida, a atual concepção de Sul Global e Norte Global ao perceber que a geopolítica mundial se reorganizaria com base em desigualdades estruturais. Ele destacou como fatores econômicos e culturais redefiniriam as relações de poder. A divisão entre os países não ocorreria somente por meio de critérios ideológicos, mas, sobretudo, por conta da concentração de riqueza e da hegemonia cultural do hemisfério norte.

Em *Verdade tropical*, Caetano relatou como "a mitologia sebastianista tinha ganhado um status em mim" durante uma visita a Portugal, a caminho do seu exílio em Londres (Veloso, 1997, p. 340). Acompanhado pelo antropólogo português Roberto Pinho, Caetano foi à cidade litorânea de Sesimbra e conheceu "um senhor português que tomava conta do castelo medieval da colina e era tido como alquimista", com quem compartilhou a canção "Tropicália" (Veloso, 1997, p. 337). Apesar de explicar àquele senhor que "Tropicália" representava uma paródia do ufanismo brasileiro e uma crítica à ditadura civil-militar brasileira, Caetano afirmou ter se rendido à interpretação literal do velho alquimista, segundo a qual a canção imaginava "a certeza feliz de um destino grandioso para o Brasil" (Veloso, 1997, p. 337). A aceitação da perspectiva do alquimista lusitano, reveladora das intenções de Caetano como "o tropicalista, aquele que antes ama o que satiriza", suscitou uma explicação que se tornaria patente depois da ida a Sesimbra: "o ponto de ligação" era o "pensador heterodoxo" Agostinho da Silva (Veloso, 1997, p. 338).

A atuação pedagógica de Agostinho da Silva e a sua passagem por universidades brasileiras em diferentes Estados, entre eles Paraíba, Brasília, Bahia, Goiás, Rio de Janeiro e Santa Catarina, tornaram-se a chave explicativa para Caetano identificar a sua interpretação do Brasil tanto com o Quinto Império quanto com o sebastianismo. Tal como relata Verdade tropical, a promessa da volta do rei D. Sebastião "é conjurada até hoje em rituais populares brasileiros em geral ligados ao culto do Espírito Santo" (Veloso, 1997, p. 300). Segundo Caetano, Agostinho da Silva "disseminou uma forma de sebastianismo erudito de inspiração pessoana, e com isso atraiu algumas pessoas que me pareciam atraentes. Não foi sem pensar nelas que incluí a declamação do poema de Fernando Pessoa no happening da apresentação do 'É proibido proibir'" (Veloso, 1997,

p. 338). Embora dissesse não ser um "militante" sebastianista, Caetano chegou à obra de Pessoa levado por Agostinho da Silva, pois lhe "parecera interessante que houvesse gente falando no Reino do Espírito Santo e numa futura civilização do Atlântico Sul, numa época em que todo o mundo falava em mais-valia e nas teses científicas de transformar o mundo através da classe operária" (Veloso, 2004, p. 316-317). A experiência em Sesimbra, a leitura de *Mensagem* e as ideias filosóficas de Agostinho da Silva fizeram Caetano começar "a ver a 'Tropicália' — e a pensar o tropicalismo — também à luz da minha versão do sebastianismo" (Veloso, 1997, p. 339-340).

O poema de *Mensagem* que Caetano recitou durante a apresentação de "É Proibido Proibir" no III Festival Internacional da Canção, em 1968, tem o título de "D. Sebastião". Pertence à primeira seção intitulada "Os Símbolos", da "Terceira Parte: O Encoberto" de *Mensagem*. Esse poema evoca a figura do rei desaparecido na Batalha de Alcácer-Quibir e celebra a resistência, esperança e transcendência espiritual em tempos de adversidade e opressão. Em conjunto com o poema seguinte, intitulado "O Quinto Império", que anuncia com uma interrogação "Quem vem viver a verdade/ Que morreu D. Sebastião?", Pessoa cita também na "Terceira Parte: O Encoberto" o regresso de uma nova era depois de consumidos os impérios da "Grécia, Roma, Cristandade, Europa" (2014, p. 104). A escolha de "D. Sebastião" por Caetano é carregada de simbolismo, sobretudo no contexto da repressão pelo regime ditatorial e da polarização entre segmentos da direita e da esquerda no Brasil dos anos 1960.

A recitação do poema pessoano naquele contexto histórico é uma afirmação de liberdade criativa e um gesto de resistência cultural contra o reacionarismo e as críticas de esquerdistas nacionalistas ao cantor brasileiro. Assim como o mito de D. Sebastião projeta o retorno de uma figura transformadora para guiar Portugal a um futuro glorioso, Caetano utiliza o poema de Pessoa para simbolizar a coragem de questionar padrões estabelecidos e a abertura a um novo Brasil. Segundo Caetano, declamar o poema de Pessoa sob o acompanhamento de Os Mutantes, "num programa de televisão, entre guitarras elétricas e slogans surrealistas emprestados aos estudantes franceses, era um desafio formal e também uma visão implausível no ambiente" (Veloso, 1997, p. 301). Essa proposta inconcebível dialogava com o momento vivido por Caetano e pela Tropicália, que buscavam romper com padrões culturais estabelecidos e imaginar novos horizontes para a cultura brasileira, apesar das críticas vindas de diferentes posições do espectro ideológico.

Na sua passagem pelo Brasil, Agostinho da Silva não apenas influenciou intelectuais e artistas brasileiros, mas deixou um legado institucional. Ele manteve uma postura crítica diante das universidades. Agostinho da Silva buscava, ainda que trabalhasse no meio universitário, fazer uma "ruptura em relação àquilo que a instituição tradicionalmente representava para o pensador: um espaço excludente e interessado na manutenção do *status*

quo" (Julião, 2017, p. 280). Ele fundou importantes centros de estudos, como o Centro de Estudos Afro-Orientais na Bahia, o qual ofereceu pela primeira vez classes em iorubá. Essa perspectiva era parte de sua visão de um Brasil cosmopolita, capaz de oferecer novas direções para a civilização ocidental, sobretudo os Estados Unidos e as nações da Europa do Norte. Agostinho da Silva via o papel brasileiro como essencial na tarefa de civilizar a Europa, trazendo a ela a força espiritual e criativa que ele acreditava estar em declínio no Velho Mundo e nos Estados Unidos. Essa seria a diferença fundamental entre ele e o escritor austríaco Stefan Zweig, autor de *Brasil: País do Futuro*. Segundo Henryk Siewierski, "Agostinho da Silva não declarava o Brasil país do futuro porque estivesse atrasado e um dia iria alcançar a Europa, mas porque estivesse adiantado e precisaria esperar" (2009, p. 13).

Em "Ensaio para uma Teoria do Brasil", Agostinho da Silva mencionou o que o Brasil tinha a ensinar a Europa para esta ser mais civilizada: "capacidades de simpatia humana, de imaginação artística, de sincretismo religioso, de calma aceitação do destino, de inteligência psicológica, de ironia, de apetência de viver" (2009, p. 79). Essas são ideias que Caetano resumiu no ensaio da edição comemorativa de *Verdade tropical*, intitulado "Carmem Miranda Não Sabe Sambar". Naquele texto, ele declarou que "o Brasil sugere algo diferente do já experimentado e, por fim, negado" (Veloso, 2017, p. 33). A provar a sua predileção pela heterodoxia do filósofo português, ele voltou a citar no ensaio o que ele definiu como "o pessoano e desaforado brado de Agostinho da Silva: 'Portugal já civilizou Ásia, África e América: falta civilizar Europa'" (Veloso, 2017, p. 33). À semelhança de Agostinho, de quem disse relevar a provocação petulante, Caetano mostra crer que o Brasil teria a incumbência e a capacidade de civilizar a Europa.

As ideias de Agostinho mirariam "um horizonte de superação do estágio em que se encontrava o mundo liderado pelo Ocidente protestante (a filosofia alemã, Marx, Freud, os Estados Unidos, etc.)" (Veloso, 1997, p. 301). Essa rejeição não era total, de acordo com Caetano, para quem Agostinho defendia os "sincretismos afro-lusitanos ou luso-asiáticos (e mesmo afro-asiáticos)" como capazes de integrar, sem sucumbir passivamente, às "conquistas da era norte-europeia" (Veloso, 1997, p. 301). Para Caetano, o que teria impedido Agostinho da Silva de seguir algum "tipo de reacionarismo radical" foi a heterodoxia do filósofo português, que pregava misticamente um futuro de fraternidade universal "sem negar os frutos da paixão nórdica pela tecnologia" (Veloso, 1997, p. 93). Agostinho da Silva propunha uma forma de "ecumenismo" que "retomava paganismos vários prevendo uma necessária superação do cristianismo: a era do Filho dará lugar à era do Espírito Santo, com Marx e tecnologia" (Veloso, 1997, p. 301).

O filósofo português chamava o Quinto Império de "Império do Espírito Santo" (2000, p. 257). A ideia de que "a era do Filho dará lugar à era do Espírito Santo" reflete uma visão histórica e espiritual baseada na teoria do teólogo calabrês Joaquim de Fiore,

ressignificada nos escritos de Agostinho da Silva, sobretudo em "Superação do protestantismo", de 1954 (Borges, 2010, p. 7)[11]. Fiore dividiu o desenvolvimento da humanidade em três grandes eras, cada uma guiada por uma pessoa da Santíssima Trindade. Após a era do Pai, marcada pela obediência à Lei no Antigo Testamento, e a era do Filho, centrada na redenção de Jesus Cristo e no cristianismo institucional, surgiria a era do Espírito Santo. Esta última representaria uma etapa de plena liberdade espiritual, comunhão direta com o divino e superação das estruturas dogmáticas e hierarquias sociais.

O Reino do Espírito Santo

Agostinho da Silva reinterpretou a era do Espírito Santo no contexto da modernidade, associando-a a um futuro de espiritualidade universal e transformação civilizacional. Segundo Borges, o "universalismo paraclético" de Agostinho, que prevê a necessidade de um mediador para esse futuro de fraternidade universal, "não cessará de estruturar as suas fundamentais concepções acerca do sentido histórico e espiritual da existência humana" (2000, p. 7). Para Agostinho da Silva, o Brasil, com a sua suposta vocação para o descentramento subjetivo e intercâmbio cultural, desempenharia um papel fundamental em um ciclo histórico de "uma nova consciência e experiência, verdadeiramente *católica*, no etimológico sentido de *universal*" (Borges, 2000, p. 8). Agostinho da Silva via o Brasil como o intercessor do Quinto Império, um projeto espiritual que transcenderia os modelos políticos e culturais tradicionais, alinhado à visão de uma era guiada pelo Espírito Santo e "invertendo o curso do crescente individualismo, funcionalismo e utilitarismo da civilização do norte-centro europeu, herdado ... pela América do Norte" (Borges, 2000, p. 9).

Esse futuro não se limitaria a uma religião institucional, mas buscaria a integração de saberes, culturas e espiritualidades para alcançar uma civilização sem hierarquias sociais, étnicas ou religiosas e oposta a um regime que privilegia tão-somente trabalho, produção, disciplina e repetição (Silva, 2002, p. 302). Sociedades materialistas como a dos Estados Unidos seriam "o maior obstáculo a vencer na organização do Quinto Império" (Silva, 2000, p. 253). Agostinho da Silva acreditava que o Brasil tinha as condições únicas para liderar essa transformação global, concretizando a promessa de uma era em que a humanidade viveria segundo os valores de liberdade, criatividade e comunhão, características da era do Espírito Santo.

[11] No discurso "Espera e age com a criação", de 27 de junho de 2024, o Papa Francisco fez referência a Joaquim de Fiore, descrevendo-o como visionário. Ao citá-lo como "o abade calabrês dotado de espírito profético", segundo a crença de Dante Alighieri, escritor influenciado por Fiore, Papa Francisco ressaltou que, em meio a conflitos e desafios históricos, o teólogo medieval apontava para "o ideal de um novo espírito de convivência entre os homens, marcado pela fraternidade universal" (2024, p 2).

A ideia do Quinto Império para Agostinho da Silva tinha menos a ver com dominação política ou territorial, objetivo principal do colonialismo, e mais com uma transformação espiritual e cultural, já que ele defendeu o conceito de não-propriedade no lugar da propriedade privada e da divisão de classes, impedimentos intransponíveis para uma formação comunitária fraterna (Silva, 2000, p. 252). Ele acreditava que o Brasil possuía a capacidade única de liderar essa metamorfose civilizacional devido à sua propensão à alteridade cultural. Essa visão permeia o pensamento de Caetano, marcado por "uma sensibilidade profética a respeito do devir brasileiro no mundo" (Oliveira, 2022, p. 220). Caetano já observara no tropicalismo o que continuaria a contemplar no seu trabalho musical e ensaístico posterior: uma forma de realização do ideal ecumênico de Agostinho da Silva para o Brasil.

A lusofonia e o neolusotropicalismo

Em *Verdade tropical*, Caetano destacou como Agostinho da Silva contribuiu para moldar uma visão promissora do Brasil, uma abordagem que poderia, de certo modo, ser vinculada com a formulação ideológica do lusotropicalismo proposta por Gilberto Freyre a partir dos anos 1950. Essa perspectiva contrasta com o posicionamento de muitos intelectuais de esquerda do período da Tropicália e dos críticos mais recentes da obra de Caetano[12]. Ao discutir a sua preferência por usar o termo Tropicália em vez de tropicalismo, Caetano citou Freyre, referindo-se ao lusotropicalismo como algo "muito mais respeitável" do que o movimento contracultural que ele protagonizou e que transformou a música popular brasileira nos anos 1960 (Veloso, 1997, p. 17).

A avaliação de Schwarz sobre *Verdade tropical* assemelha-se às críticas mais comuns à produção intelectual de Freyre, marcada por contradições profundas e argumentos apologistas a respeito da colonização portuguesa. No pensamento de Caetano, o "sentimento muito vivo dos conflitos... coexiste com o desejo acrítico de conciliação, que empurra para o conformismo e para o kitsch" (Schwarz, 2012, p. 57). Schwarz comparou o estilo da escrita de Freyre ao ao de Caetano em *Verdade tropical*. Ele afirmou que, "[s]em medo de frases longas ou do aspecto melindroso ou sutil das situações, um pouco à maneira substanciosa e flexível de Gilberto Freyre, a prosa de ensaio deve a vitalidade ao gosto pela controvérsia e pela provocação" (Schwarz, 2012, p. 53). Embora Caetano não adote uma posição explícita em relação a Freyre, a sua visão sobre o Brasil sugere um paralelo entre as ideias do sociólogo e as de Agostinho da Silva, além de possíveis conexões entre o lusotropicalismo e a lusofonia.

[12] Homero Araújo e Pedro Manica interpretam Verdade tropical como um livro otimista que celebra o liberalismo dos anos 1990 e as medidas econômicas da era FHC (2024, p. 2-4). Já Acauam Oliveira afirma que Caetano produz sua arte e pensa o Brasil a partir do "conforto relativo da posição radical de classe média" e pergunta se ele trairia a própria classe com um "altruísmo suicidário em nome do bem comum" (2022, p. 235).

O vislumbre desse vínculo, que ultrapassa o escopo deste artigo sobre Caetano como intérprete do Brasil influenciado pela noção do Quinto Império, abre um campo fértil para investigações futuras sobre as semelhanças teóricas entre as concepções de Freyre e Agostinho da Silva. Um ponto de partida para essas pesquisas é *Religião e metafísica no pensar de Agostinho da Silva*, de Romana Valente Pinho, que identifica uma menção a Freyre por Agostinho da Silva na dedicatória de *Reflexão à margem da literatura portuguesa* e uma citação do filósofo português por Freyre em *O luso e o trópico* (Pinho, 2006, p. 193). Ao comentar em *O luso e o trópico* as impressões de Agostinho da Silva sobre o Brasil e Portugal, Freyre manteve o seu hábito de fazer referências autocongratulatórias. Ele afirmou que os argumentos do filósofo português, já então exilado no Brasil, confirmariam as teses centrais do lusotropicalismo, entre as quais o "ideal de vida desenvolvido pelo português em contato assim íntimo com o Trópico" (Freyre, 1961, p. 219).

A associação entre lusotropicalismo e lusofonia pode gerar a crítica de que o pensamento político de Caetano apresenta traços neolusotropicalistas. No artigo "Don't Look Black? Brasil entre dois mitos: *Orfeu* e a democracia racial", Caetano invocou o conceito de miscigenação para argumentar que a

> "inversão de sinal no julgamento do mestiço, marcada pela publicação, nos anos 30, de *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, representou a liberação de uma auto-imagem racialmente eufórica dos brasileiros, e a expressão democracia racial insinuou-se como um rótulo adequado a essa euforia. Ela se tornou também o alvo obsessivo das críticas de cientistas sociais e militantes políticos, de tal forma que quase se pode falar num mito do mito da democracia racial" (Veloso 2005, p. 29-30).

Naquele artigo, Caetano proclamou o seu incômodo com a inserção do "princípio americano de 'uma gota de sangue'" no Brasil para tratar das relações sociais brasileiras (Veloso, 2005 p. 29). Ele afirmou que a "mistura de raças não assegura nem degradação nem utopia genética" (Veloso, 1997, p. 19). Aquele princípio vindo dos EUA, explicitamente comentado na letra de "Americanos", minimizaria as especificidades do processo de formação cultural do Brasil (Veloso, 2022, p. 163)[13]. Caetano rejeita a celebração de um multiculturalismo importado. Não à toa, entre os temas da longa carreira de Caetano revisitados em *Meu coco* o mais vultoso, segundo Acauam Oliveira, seria o da "mestiçagem enquanto *locus* utópico", visto sob uma "percepção hipostasiada" (Oliveira, 2022, p. 225). Em *Meu coco*, a miscinegação parece ter se tornado uma hipóstase, sendo tratada mais como uma entidade concreta e viva do que uma abstração da vida brasileira.[14] O Brasil desenhado por Caetano em *Meu coco* seria assim um "lugar

[13] Em Circuladô Vivo, de 1992, Caetano recita em "Americanos" os seguintes versos: "Para os americanos, branco é branco, preto é preto/ (E a mulata não é a tal)" (Veloso, 2022, p. 163).

[14] A menção à hipóstase vincula-se ao Quinto Império, além de remeter-se o pensamento de Agostinho da Silva. Na teologia cristã, a hipóstase refere-se às pessoas da Santíssima Trindade (pai, filho e espírito santo), entendidas como subsistências individuais de uma mesma substância divina. Hipostasiado, portanto, descreveria a existência concreta ou real de cada pessoa divina.

abstrato *transutópico* a partir de onde observa e corrige a realidade, lançando mundos no mundo e enxergando o porvir nos destroços do presente" (Oliveira, 2022, p. 219).

Em *Verdade tropical*, Caetano definiu o Brasil como um "gigante mestiço lusófono americano do hemisfério sul" (Veloso, 1997, p. 500). A ideia de uma identidade lusófona pós-imperial ganhou corpo institucional com a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) em 1996. Contudo, a lusofonia tem sido criticada sob diferentes perspectivas, incluindo aquelas que associam a lusofonia a um resquício do lusotropicalismo, segundo o qual existiria uma unidade linguística e cultural legada pelo domínio imperial português. Essa crítica pode ser expandida ao considerar-se a ressignificação ideológica de "Minha pátria é a língua portuguesa", uma frase de Bernardo Soares, semi-heterônimo de Fernando Pessoa, no *Livro do desassossego* (Pessoa, 2008, p. 496) e adaptada por Caetano no verso "Minha pátria é minha língua", da canção "Língua", do disco *Velô*, de 1984 (Veloso, 2022, p. 229). A obra poética de Pessoa e a sua relação com o tema da língua portuguesa foram analisadas por diferentes especialistas, entre eles Agostinho da Silva e Alfredo Margarido. Para Agostinho da Silva, o significado de *Mensagem* aponta para um Portugal "mais autêntico e de maior vitalidade ... , que não tem centro em parte alguma e cuja periferia será marcada pela expansão de sua cultura e da sua língua de *Pax in excelsis* que ela levar consigo" (1959, p. 30). Segundo Margarido, a lusofonia representa a "redescoberta da língua como 'força imperial'" (2000, p. 55).

Em *A Minha pátria é a língua portuguesa: A construção da ideia da lusofonia em Portugal*, o historiador Adriano de Freixo explica que a lusofonia emergiu após a descolonização da África nos anos 1970 como um mecanismo ideológico para suavizar as marcas do passado colonial em Portugal. Nesse sentido, a lusofonia operaria como uma estratégia de dominação simbólica (Freixo, 2009, p. 162). Apesar de reconhecer as diferenças intelectuais e biográficas entre o autor brasileiro e o filósofo português, Freixo elenca Freyre e Agostinho da Silva como os "pais-fundadores" da lusofonia (Freixo, 2009, p. 145). Freyre é "sem sombra de dúvidas a figura mais destacada" entre os ideólogos da lusofonia, especialmente por meio do conceito do lusotropicalismo, segundo o qual os portugueses possuiriam uma tendência natural para a miscigenação em regiões tropicais (Freixo, 2009, p. 127). A partir dos anos 1950, o regime salazarista apropriou essa teoria para justificar a manutenção das suas colônias na África com uma ênfase na hipótese de que a colonização portuguesa teria sido mais branda e integradora em comparação com outros impérios europeus (Freixo, 2009, p. 128). Após a descolonização, o lusotropicalismo passou a influir a visão portuguesa sobre a lusofonia, sendo reinterpretado em um contexto pós-colonial para fundamentar a ideia de uma comunidade cultural transnacional, mas unida por uma mesma língua.

Agostinho da Silva, por sua vez, desenvolveu uma visão mais alinhada à sua atuação como filósofo e educador, atento às ameaças à liberdade individual em contextos políticos e intelectuais. Diferentemente de Gilberto Freyre, que apoiou a ditadura civil-militar

brasileira, o pensador português optou por retornar a Portugal no fim dos anos 1960, em resposta ao avanço do autoritarismo no Brasil. Em sua concepção, a lusofonia possuía uma dimensão espiritual, pedagógica e messiânica, influenciada pelo Quinto Império e pela tradição sebastianista (FREIXO, 2009, p. 139). Para ele, a língua portuguesa era mais do que um meio de comunicação. Ela representava um laço capaz de unir os povos lusófonos, demonstrando a possibilidade de transcender fronteiras nacionais e construir uma comunidade fundamentada na fraternidade e na diversidade cultural.

Depois de exilar-se do salazarismo no Brasil, Agostinho da Silva passou a enxergar a cultura do país sul-americano como uma ilha irradiadora de um novo modelo civilizacional, livre das amarras do utilitarismo anglo-saxônico, mas sem rejeitar por completo as conquistas técnicas, que deveriam servir para suprir as necessidades básicas dos indivíduos e libertá-los das exigências mecanicistas do trabalho. Esse entendimento do Brasil como uma força centrífuga influenciou não apenas a reavaliação da Tropicália por Caetano à luz do sebastianismo, mas a sua perspectiva lusófila de que a música popular brasileira seria "a mais eficiente arma de afirmação da língua portuguesa no mundo" (Veloso, 2017, p. 59). Para Caetano, essa crença transcende o campo musical, posicionando o Brasil como um espaço simultâneo de síntese cultural e de projeção de alteridade contínua, conectado a um futuro universalista sustentado por uma capacidade sempre aberta e inclusiva de intercâmbio e transformação. Como ele recita em "Americanos", ao contrastar os EUA e o Brasil, "aqui embaixo a indefinição é o regime" (Veloso, 2022, p. 163).

O futuro universalizante da "ilha Brasil"

Ao analisar a influência do Quinto Império, elaborado por Pessoa e Agostinho da Silva, na produção crítico-artística de Caetano, este artigo evidencia como esse conceito permeia tanto o ensaísmo quanto a obra musical do compositor brasileiro. Em *Verdade tropical*, Caetano associa o Brasil a um papel intercessor ecumênico e universalista, destacando a singularidade do país como resultante de uma formação cultural vinculada ao legado lusófono e aberta à alteridade. Inspirado pelas ideias de Agostinho da Silva, Caetano reflete sobre a miscigenação como um elemento central na formação cultural brasileira, apresentando o país como um ponto de síntese capaz de transcender os modelos multiculturalista e materialista vindos do Hemisfério Norte. O Quinto Império aparece, assim, como um ideal utópico que atravessa as análises culturais de Caetano. O Brasil se posicionaria como um intercessor — além de ser um espaço de experimentação e descentramento cultural — em face de um regime utilitarista organizado em torno da propriedade privada e da divisão de classes.

Na canção "Você-Você", esse diálogo entre passado e presente se concretiza em termos melódicos e vocais. O dueto com a fadista Carminho simboliza a aproximação com Portugal, enquanto a letra, rica em ambiguidades e jogos pronominais, reforça a dinâmica de proximidade e afastamento que caracteriza a formação cultural brasileira. A canção, com referências explícitas à lusofonia, à arte afrodiaspórica e aos povos originários, traduz em linguagem musical o ideal do Quinto Império: um projeto de universalismo cultural, espiritual e poético que rejeita o multiculturalismo cultivado nos Estados Unidos. Assim, tanto em sua ensaística quanto em sua música, Caetano projeta o Brasil como um lugar utópico e uma força centrífuga capazes de convergência e descentramento culturais, uma "ilha" de dimensão continental da qual se poderia promover um horizonte universalista que seria o devir brasileiro do mundo.

Referências

AGOSTINHO, Pedro. Agostinho da Silva: pressupostos, concepção e ação de uma política externa do Brasil com relação à África. *Afro-Ásia*, n. 16, p. 9-23, 1995. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20842. Acesso em: 14 mar. 2025.

ARAÚJO, Homero, e Pedro MANICA. Euforia e degradação em 1997: Verdade Tropical, Cidade de Deus e Sobrevivendo no Inferno. *Nau Literária*, v. 20, n. 01, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.22456/1981-4526.140456. Acesso em: 20 dez. 2024.

BORGES, Paulo. *É a hora: a mensagem da mensagem de Fernando Pessoa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.

BORGES, Paulo. Introdução: Portugal e Brasil na senda do Pentecostes. In: *Ensaios sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira*. Volume 1. Lisboa: Âncora Editora, 2000. p. 7-21.

BORGES, Paulo. *Uma visão armilar do mundo: a vocação universal de Portugal em Luís de Camões, Padre António Vieira, Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa e Agostinho da Silva*. Lisboa: Verbo, 2010.

DUARTE, Pedro. O pensamento em canção de Caetano Veloso. In: *Objeto não identificado: Caetano Veloso 80 anos*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. 2022. p. 7-21.

FREIXO, Adriano de. *Minha pátria é a língua portuguesa: a construção da ideia de lusofonia em Portugal*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

FREYRE, Gilberto. *O luso e o trópico: sugestões dos métodos portugueses de integração de povos autóctones e de culturas diferentes da europeia num complexo novo de civilização: o luso-tropical*. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961.

JULIÃO, Rafael. *Infinitamente pessoal: Caetano Veloso e sua verdade tropical.* Rio de Janeiro: Batel, 2017.

LEAL, Claudio. O sebastianismo de Caetano Veloso. *Revista 451*, 2021, p. 24-26.

MARGARIDO, Alfredo. *A lusofonia e os lusófonos: novos mitos portugueses*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2000.

MARTINS, James. Caetano, Baiano. In: *Objeto não identificado: Caetano Veloso 80 anos*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. 2022. p. 7-21.

OLIVEIRA, Acauam. Brasil no coco de Caetano: afinal, de que seria o Brasil (e a MPB), oportunidade? In: *Objeto não identificado: Caetano Veloso 80 anos*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. 2022. p. 7-21.

PAPA FRANCISCO. Espera e age com a criação. Libreria Editrice Vaticana, 2024. p. 1-5. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/cura-creato/documents/20240627-messaggio-giornata-curacreato.html . Acesso em: 20 dez. 2024.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2008.

PESSOA, Fernando. *Mensagem e outros poemas sobre Portugal*. Lisboa: Assírio e Alvim. 2014.

PINHO, Romana Valente. *Religião e metafísica no pensar de Agostinho da Silva.* Lisboa: INCM, 2006.

RODA VIVA. Entrevista com Caetano Veloso. *Roda Viva*, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=onKg_-7rCQ0&ab_channel=RodaViva. Acesso em: 9 mar. 2025.
SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrécia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SIEWIERSKI, Henryk. Prefácio. In: *Condições e missão da comunidade luso-brasileira e outros ensaios*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009. p. 9-14.

SILVA, Agostinho da. *Condições e missão da comunidade luso-brasileira e outros ensaios*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

SILVA, Agostinho da. *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira*. Volume 1. Lisboa: Âncora Editora, 2000.

SILVA, Agostinho da. *Estudos sobre cultura clássica*. Lisboa: Âncora Editora 2002.

SILVA, Agostinho da. *Reflexão à margem da literatura portuguesa*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1957.

SILVA, Agostinho da. *Um Fernando Pessoa e antologia de leitura*. Lisboa: Guimarães Editores, 1959.

VELOSO, Caetano. *Cine subaé: escritos sobre cinema (1960–2023)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

VELOSO, Caetano. Conferência no MAM. *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, n. 4-5, p. 307-329, 2003. Disponível em https://revistas.usp.br/teresa/article/view/116390. Acesso em: 14 mar. 2025.

VELOSO, Caetano. *Letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

VELOSO, Caetano. *Meu coco*. Rio de Janeiro: Sony Music Brasil, 2021.

VELOSO, Caetano. *Mundo não é chato.* São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VELOSO, Caetano. *Verdade tropical: edição comemorativa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VELOSO, Caetano e CARMINHO. Você-Você. *Caetano Veloso*, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hbZfNP3bb0o&ab_channel=CaetanoVelosoVEVO. Acesso em: 9 mar. 2025.

WISNIK, Guilherme. *Lançar mundos no mundo: Caetano Veloso e o Brasil*. São Paulo: Todavia, 2022.